





# Stars

*As estrelas mais brilhantes*



**ANNA TODD**

# Stars

*As estrelas mais brilhantes*



TRADUÇÃO DE  
CRISTINA CARVALHO

 EDITORIAL PRESENÇA

## FICHA TÉCNICA

Título original: *The Brightest Stars*

Autora: *Anna Todd*

Copyright © 2018. *The Brightest Stars* by Anna Todd

Edição portuguesa publicada por acordo com Bookcase Literary Agency

Os direitos morais da autora estão certificados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2018

Tradução: *Cristina Carvalho*

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Sutterstock*

Capa: *Sofia Ramos/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, outubro, 2018

Depósito legal n.º 445 827/18

Reservados todos os direitos  
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

**EDITORIAL PRESENÇA**

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Ao Hugues de Saint Vincent,

Espero que consigas sentir a paixão deste livro e que eu continue a ser motivo de orgulho para ti. Tenho imensas saudades tuas e vou tentar beber mais vinho tinto, só por ti. <3

R.I.P.



## *PLAYLIST*

- «One Last Time» — Ariana Grande
- «Psycho» — Post Malone (com a participação especial de Ty Dolla \$ign)
- «Let Me Down Slowly» — Alec Benjamin
- «Waves» — Mr. Probz
- «Fake Love» — BTS
- «To Build a Home» — The Cinematic Orchestra
- «You Oughta Know» — Alanis Morissette
- «Ironic» — Alanis Morissette
- «Bitter Sweet Symphony» — The Verve
- «3AM» — Matchbox Twenty
- «Call Out My Name» — The Weekend
- «Try Me» — The Weekend
- «Beautiful» — Bazzi
- «Leave a Light On» — Tom Walker
- «In the Dark» — Camila Cabello
- «Legends» — Kelsea Ballerini
- «Youngblood» — 5 Seconds of Summer
- «Want You Back» — 5 Seconds of Summer



# UM

Karina, 2019

O vento remoinha pelo café sempre que a velha porta de madeira se abre com um rangido. Está um tempo invulgarmente frio para setembro e aposto que é castigo do universo por ter aceitado encontrar-me com ele hoje, logo hoje. Onde é que eu tinha a cabeça?

Mal tive tempo para aplicar um bocado de maquilhagem nos papos debaixo dos olhos. E a roupa que tenho vestida... há quanto tempo não vai à máquina? Repito: onde é que eu tinha a cabeça?

Neste preciso instante, dou-me conta de que me dói a cabeça e acho que não tenho nenhum ibuprofeno na carteira. Também me dou conta de que foi inteligente da minha parte ter escolhido a mesa mais junto à porta, para poder sair rapidamente se for preciso. E este café, no centro de Edgewood? Neutral e nem um bocadinho romântico. Mais uma boa escolha. Vim cá poucas vezes, mas é o meu café preferido de Atlanta. Não há muitos lugares sentados (só dez mesas), o que me faz pensar que não querem encorajar a que as pessoas se demorem aqui. Tem uma ou duas características dignas de Instagram, como a parede suculenta e o azulejo sóbrio, preto e branco, atrás dos baristas, mas, no cômputo geral, é um espaço bastante austero. Cinzento cru e betão por todo o lado. E máquinas liquidificadoras barulhentas, a misturar couve *kale* e o fruto que calha estar na moda no momento.

A porta desengonçada é a única porta do café: uma entrada, uma saída. Baixo o olhar para o telemóvel e esfrego as palmas das mãos ao vestido preto.

Vai dar-me um abraço? Apertar-me a mão?

Não estou a ver um gesto tão formal. Não da parte dele. Bolas. Lá estou eu outra vez a ficar ansiosa e ele ainda nem chegou. Pela quarta

vez hoje, sinto o pânico a borbulhar logo abaixo do peito, e apercebo-me agora de que, sempre que imagino o nosso reencontro, vejo-o como o vi da primeira vez que lhe pus a vista em cima. Não faço ideia de qual é a versão dele que vai aparecer hoje. Não nos vemos desde o inverno passado e não faço ideia de quem ele é nos tempos que correm. E, sejamos francos, alguma vez soube?

Talvez nunca tenha ido além de conhecer apenas uma versão dele — uma forma luminosa e oca do homem de quem estou agora à espera.

Suponho que podia evitá-lo para sempre, mas a ideia de nunca mais o ver soa-me pior do que estar agora aqui sentada. Tenho a franqueza de o admitir, ao menos isso. E aqui estou, a aquecer as mãos numa chávena de café, à espera que ele entre por aquela porta que range, depois de lhe ter jurado, e de ter jurado a mim própria e a quem me tenha querido ouvir nos últimos meses, que nunca, jamais...

Ainda faltam cinco minutos para a hora marcada, mas, se ele ainda for como o recordo, há de entrar por aquela porta atrasado, todo senhor de si, com a expressão carregada de sempre.

Quando a porta se abre de rompante, quem entra é uma mulher. O cabelo louro é um ninho pespegado no cimo da cabeça pequenina; segura um telemóvel encostado à face vermelha.

— Estou-me a cagar, Howie. Trata disso — dispara ela, guardando o telemóvel com um chorrilho de palavrões.

Odeio Atlanta. Aqui, as pessoas são todas iguais a esta mulher, com os nervos à flor da pele e sempre, sempre cheias de pressa. Nem sempre foi assim. Bem, se calhar sempre foi; eu é que não. Mas as coisas mudam. Dantes, adorava esta cidade, sobretudo a zona da baixa. A diversidade de restaurantes é do outro mundo, o que, para uma *foodie* a viver numa cidade pequena... Bem, digamos que só este aspeto era razão suficiente para me ter mudado para cá. Há sempre coisas para fazer em Atlanta, e tudo está aberto até mais tarde do que à volta do Forte Benning. No entanto, aquilo que mais me atraiu na altura foi não ter de ser permanentemente confrontada com a realidade militar. Em Atlanta, não se vê um único camuflado. Não se vislumbra um único uniforme de campanha nos homens e mulheres que estão na fila para o cinema, para a bomba de gasolina, para o Dunkin Donuts. Aqui, as pessoas usam palavras reais quando falam, não apenas acrónimos. E há uma abundância de cortes de cabelo não militares para apreciar.

Dantes, adorava Atlanta, mas ele mudou isso.

Nós mudámos isso.

*Nós.*

E isto é o mais longe que vou quanto a admitir alguma responsabilidade pelo que se passou.

## DOIS

— Estás especada a olhar.

Não chega a meia dúzia de palavras, mas desabam sobre mim, e infiltram-se em mim, abalando cada um dos meus sentidos e todo o meu bom senso. E, no entanto, há calma, também; a calma que parece formatar-me sempre que ele está por perto. Olho para cima para me assegurar de que é ele, mesmo tendo a certeza de que é. Meu dito, meu feito, ali está ele, de pé, a olhar para mim com os seus olhos de nogueira apontados à minha cara, a perscrutar... a reviver momentos passados? Quem me dera que não olhasse assim para mim. Na verdade, o café pequeno está bastante apinhado, embora não dê essa sensação. Tinha este encontro todo planeado na minha cabeça, mas ele trocou-me as voltas e, agora, estou apreensiva.

— Como é que fazes isso? — perguntei-lhe. — Não te vi entrar.

Preocupa-me que soe como se estivesse a acusá-lo de alguma coisa ou como se estivesse nervosa, que é a última coisa que quero. Ainda assim, interrogo-me: como é que ele faz isto? Foi sempre um mestre em silêncio, em movimentar-se sem ser detetado. Mais uma competência aperfeiçoada no Exército, presumo.

Faço sinal para que se sente. Ele desliza para a cadeira e é então que me apercebo de que tem barba. Contornos retos, precisos, delineiam-lhe as maçãs do rosto e o maxilar está coberto de pelos pretos. Isto é novidade. Claro que é: tinha de cumprir o regulamento à risca. O cabelo tem de ser curto e estar impecavelmente penteado. É permitido bigode, mas somente se estiver bem aparado e não cobrir o lábio superior. Um dia, disse-me que estava a pensar deixar crescer o bigode, mas eu convenci-o a não o fazer. Mesmo numa cara como a dele, um bigode ia parecer sinistro.

Pega na ementa de bebidas quentes que está sobre a mesa. *Capuccino. Macchiato. Latte.* Expresso com cobertura de microespuma.

Abatanado com o café por cima da água. Quando é que tudo se tornou tão complicado?

— Passaste a gostar de café? — Não tento disfarçar a minha surpresa. Ele abana a cabeça. — Não.

Um meio-sorriso atravessa-lhe o rosto estoico, recordando-me a razão por que me apaixonei por ele. Há instantes, era fácil desviar o olhar. Agora, é impossível.

— Nada de café — garante-me ele. — Chá.

Não está de casaco, claro, e as mangas da camisa de ganga estão enroscadas acima do cotovelo. A tatuagem do antebraço espreita por baixo do tecido e sei que, se lhe tocar agora na pele, estará a ferver. É certo que não vou tocar-lhe, por isso olho para cima, por cima do ombro dele. Para longe da tatuagem. Para longe do que me passa pela cabeça. É mais seguro assim. Para ambos. Faço um esforço para me concentrar nos sons que enchem o café de maneira a ambientar-me ao silêncio dele. Tinha-me esquecido de que a sua presença podia ser tão desestabilizadora.

Mentira. Não esqueci. Queria, mas não fui capaz.

Ouçó a empregada de mesa aproximar-se, as sapatilhas a chiar no pavimento de betão. Tem uma vozinha sumida e, quando lhe diz que ele devia «mesmo, mesmo» experimentar o novo *mocha* de menta, ri-me, sabendo que ele detesta tudo o que seja mentolado, até pasta dentífrica. Vêm-me à memória os borbotões avermelhados de pasta dentífrica de canela que ficavam colados no lavatório da minha casa de banho e as discussões frívolas que tivemos por causa disso. Se ao menos tivesse ignorado estes agravos insignificantes. Se ao menos tivesse prestado mais atenção ao que estava realmente a acontecer, tudo poderia ter sido diferente.

Talvez. Talvez não. Sou o tipo de pessoa que assume a culpa por tudo e um par de botas — menos por isto. Não posso ter a certeza.

Não quero saber.

Mais uma mentira.

O Kael diz à rapariga que quer um chá preto normal e, desta vez, faço um esforço para não rir. É tão previsível, ele.

— Qual é a graça? — pergunta ele quando a empregada de mesa se vai embora.

— Nada. — Mudo de assunto. — E então, como estás?

Não sei com que conversa da treta vamos ocupar este encontro. O que sei é que vamos ver-nos amanhã e, uma vez que tinha de estar na cidade

hoje, pareceu-me boa ideia despachar o primeiro reencontro, necessariamente constrangedor, sem a presença de terceiros. Um funeral não é lugar para isso.

— Bem. Dadas as circunstâncias. — Pigarreia.

— Pois. — Suspiro, fazendo um esforço para não pensar muito sobre amanhã.

Sempre fui boa a fazer de conta de que o mundo não está a arder à minha volta. *Okay*, perdi um bocado a mão nestes últimos meses, mas, durante anos, foi tão natural como existir — um talento que comecei a exercitar algures entre o divórcio dos meus pais e o fim do secundário. Às vezes, sinto que é como se a minha família estivesse a desaparecer. Somos cada vez menos.

— Estás bem, tu? — pergunta ele, em voz ainda mais baixa.

Ouvi-o com a mesma nitidez em que o ouvia naquelas noites húmidas em que adormecíamos com a janela aberta — na manhã seguinte, o quarto estava todo orvalhado e os nossos corpos molhados e pegajentos. Adorava a sensação quente da pele dele quando dedilhava os contornos macios do seu maxilar. Até os lábios dele eram quentes, às vezes febris. O ar quente do Sul da Geórgia era de tal maneira espesso que dava para lhe sentir o gosto na boca, e o Kael sempre foi bastante quente.

— *Hrum*. — Ele pigarreia e eu volto à realidade.

Sei o que está a pensar, consigo ler-lhe a expressão com tanta clareza como leio «Mas, primeiro, café» no sinal de néon pendurado na parede por trás dele. Odeio que sejam estas as recordações que o meu cérebro associa ao Kael. Não facilita as coisas.

— Kare. — A sua voz é suave quando o braço transpõe a mesa e me toca na mão.

Afasto-a num espasmo de tal maneira brusco que se pensaria estar em chamas. É esquisito lembrar-me de como éramos, de nunca saber onde ele acabava e eu começava. Estávamos tão sintonizados. Tão... bem, tão diferentes de como estamos agora. Houve um tempo em que ele dizia o meu nome e, sem mais, eu estava pronta para lhe dar o que ele quisesse. Ponderei nisto um instante. No facto de que teria dado a este homem o que quer que ele quisesse.

Pensei que estivesse mais avançada na minha recuperação de nós, naquilo de «pôr o ex para trás das costas». Que tivesse, pelo menos, chegado à fase em que já não pensasse em como soava a voz dele quando

o acordava de manhã cedo para os treinos de preparação física, ou em como ele costumava gritar à noite. Sinto que a minha cabeça começa a andar à roda e, se não travo isto já, as memórias vão dilacerar-me — nesta cadeira, neste café insignificante, mesmo à frente dele.

Obrigo-me a assentir com um aceno e a pegar no meu *latte* para ganhar tempo, só um segundo ou dois, só o suficiente para recuperar a voz.

— Estou. Quero dizer, os funerais são a minha cena, bem vês.

Não me atrevo a encará-lo.

— Não podias ter feito nada. Não me digas que estás a pensar que poderias... — Ele interrompe-se e eu olho ainda mais fixamente para a pequena falha da minha chávena. Passo o dedo pela porcelana rachada. — Karina. Olha para mim.

Abano a cabeça. Não vou, nem pouco mais ou menos, enfiar-me por esse abismo adentro com ele. Não tenho ânimo para isso.

— Estou bem. A sério. — Faço uma pausa e observo-lhe a expressão do rosto. — Não olhes para mim assim. Estou bem.

— Estás sempre bem. — Passa a mão pela barba e suspira, recostando os ombros nas costas da cadeira de plástico.

Não é nem uma pergunta nem uma afirmação, é só o que é. Tem razão. Estarei sempre bem. Aquela cena de «finge até ser verdade»? Ninguém me bate nisso.

Não tenho outro remédio, não é?

# TRÊS

Karina, 2017

Tinha acertado no *jackpot* dos empregos. Não precisava de abrir o salão de massagens antes das dez, pelo que podia dormir até tarde quase todas as manhãs. E poder ir a pé para o emprego, visto que morava ao fundo da rua, era um ótimo bônus! Adorava aquela rua: a loja dos colchões, o sítio dos gelados, o salão de unhas e a loja de doces à antiga. Tinha poupado dinheiro e ali estava eu, aos vinte anos, na minha rua, na minha casinha. A minha casa. Não do meu pai. Minha.

Ir de casa ao emprego demorava apenas cinco minutos — tempo de menos para poder ter interesse. Essencialmente, evitava ser atropelada. A rua tinha largura suficiente para um pedestre e um carro de cada vez. Bem, se fosse um *Prius*, ou um outro carro pequeno, cabíamos os dois à vontade; infelizmente, as pessoas dali preferiam carros grandes, pelo que, a maior parte das vezes, colava-me às árvores que ladeavam a rua até que eles acabassem de passar.

Às vezes, inventava histórias — um bocadinho de excitação antes de começar o turno. A história daquele dia era protagonizada pelo Bradley, o homem de barba que era dono da loja dos colchões situada na esquina da rua. Era um tipo simpático e passei a associar o que vestia a «uniforme do tipo simpático»: camisa axadrezada e calças de caqui. Conduzia um *Ford* qualquer coisa branco e trabalhava ainda mais do que eu. Cruzava-me com ele todas as manhãs, sendo que ele já estava na loja antes de eu começar às dez. Mesmo quando fazia um turno duplo ou o último turno do dia, via sempre a carrinha branca dele estacionada nas traseiras da rua.

Tenho a certeza de que era solteiro. Não porque não fosse amoroso ou giro, mas porque o via sempre sozinho. Se tivesse mulher ou filhos,

decerto já os teria visto, pelo menos uma vez, nos seis meses que haviam passado desde que me mudara para esta parte da cidade. Mas ainda não vira ninguém. Fosse de dia, de noite ou aos fins de semana, o Bradley estava sempre sozinho.

O sol brilhava, mas nem um pássaro chilreava. Não se ouvia nenhum camião do lixo a resfolegar. Ninguém estava a ligar o carro. Havia um silêncio esquisito, quase fantasmagórico. Talvez por isso o Bradley me tivesse parecido um bocadinho sinistro naquela manhã. Olhei para ele como se o visse pela primeira vez e interroguei-me o que o levava a pentear o cabelo branco-alourado com risco ao meio, o que é que o levava a pensar que era boa ideia expor assim uma linha reta de couro cabeludo. Na verdade, porém, o que eu queria saber era para onde é que ele ia com aquele tapete enrolado na parte de trás da carrinha. Talvez tenha visto demasiados episódios do *CSI*, mas toda a gente sabe que é assim que se dá sumiço a um cadáver, enrolando-o num tapete velho e descartando-o fora de portas da cidade. No momento em que a minha fantasia transformava o Bradley num assassino em série, ele dirigiu-me o aceno de mão mais amistoso que imaginar se possa e um sorriso, dos genuínos. Ou talvez o gesto fosse apenas prova da sua mestria na arte da dissimulação e ele estivesse, na verdade, a preparar-se para...

Quase fiz chichi pelas pernas abaixo quando ele me chamou.

— Ei, Karina! Não há água na rua inteira!

Os seus lábios finos curvaram-se numa carantonha, ao mesmo tempo que agitava os braços no ar para sublinhar quão contrariado estava. Parei e levei a mão aos olhos para os proteger do sol. Estava agressivo, um brilho intensíssimo, ainda que o ar refrescasse um pouco a temperatura. Nada a fazer, a Geórgia era mesmo quente. Pensei que, passado um ano, já me teria habituado, mas nada feito. As saudades que eu tinha do frio noturno do Norte da Califórnia...

— Tenho estado a tentar que o piquete da empresa da água venha até cá, mas, até agora, não tive sorte nenhuma. — Encolheu os ombros e mostrou o telemóvel, à laia de prova.

— Oh, não. — Tentei imitar o seu tom de frustração pela falta de água, mas, para ser sincera, fiquei mais ou menos esperançada de que a Mali decidisse não abrir o salão hoje. Não tendo dormido quase nada na noite anterior, mais uma hora ou vinte de sono iam saber-me muito bem.

— Vou continuar a tentar — adiantou ele.

O Bradley levou os dedos à fivela do cinto, que tinha um *longhorn*. Dava a impressão de já estar a transpirar e, quando pegou no enorme tapete que estava na parte de trás da carrinha, quase tive vontade de ir até lá ajudá-lo.

— Obrigada — disse eu. — Eu passo a informação à Mali.